

CÃES DE RAÇA PERIGOSA

Conheça o tema de A a Z

€ 2.90 • DOWNLOAD GRÁTIS

OUT 2019

VET

DIGEST®

WWW.INDICE.PT

MAGAZINE DE SAÚDE VETERINÁRIA

ROUPAS PARA ANIMAIS

Necessidade ou moda?

PERCEVEJO ASIÁTICO
UMA NOVA AMEAÇA?

COMIDA **CRUA**
TEM DEMASIADAS **BACTÉRIAS**

PESSOAS OBESAS
ANIMAIS **OBESOS**

RESISTÊNCIA ANTIBACTERIANA
CONTINUA A CRESZER NA PRODUÇÃO



ISSN: 2182-2220



9 771646 366003



TUPAM editores SA



Dúvidas sobre medicamentos?

ÍNDICE.EU



6 Cães perigosos

Conheça o tema de A a Z



18

ROUPAS PARA ANIMAIS

Necessidade ou moda?



16

Ambiente

Percevejo asiático: estaremos perante uma nova ameaça?



14 **Animais de produção**
Veterinários portugueses vão criar ovelhas Suffolk no Algarve

15 **Birdwatching**
Festival de Observação de Aves celebrou 10º aniversário



17 **Equinos**
Prebióticos podem ser prejudiciais para os equinos

26 **Legislação**
Donos vão pagar 2,5 euros pelo registo dos seus animais

27 **Investigação**
Pessoas obesas têm maior probabilidade de ter cães obesos



28 **Animais de produção**
Resistência aos antibióticos em animais de produção continua a crescer

29 **Nutrição**
Comida crua para animais tem bactérias acima dos níveis legais

30 **Investigação**
Ter um cão está associado a uma vida mais longa



ÍNDICE[®] PRO

  **Android e iOS**

Publicidade



Compatível com as últimas versões iOS e Android
Faça Download Gratuito nas App Stores





Cães Perigosos

Conheça o tema de A a Z

Muito se ouve falar, ultimamente, sobre cães perigosos e raças potencialmente perigosas mas a verdade é que ainda há muita ignorância relativamente ao assunto.

Sempre existiram cães que mordem e pessoas que são mordidas mas, de há uns anos para cá por razões sensacionalistas – ligadas principalmente ao mau uso de algumas raças em lutas de animais –, têm sido difundidas e destacadas mais notícias sobre ataques de cães, o que criou uma falsa realidade dos cães e das raças que mais mordem.

Por incrível que pareça, as três raças de cães que mais mordem são, por ordem decrescente, 1º – Dachshund (também conhecido como salsicha), 2º – Chihuahua, e 3º – Jack Russell Terrier, sendo que nesta lista o PitBull Terrier, uma das raças mais citadas como atacante habitual, surge apenas em 6º lugar.

Como é lógico, esta classificação tem em consideração apenas a quantidade de mordidas notificadas por raça, e não a gravidade ou força de mandíbula do cão associada ao ataque.

Um aspeto interessante a realçar nesta questão das supostas raças perigosas é a diversidade enorme de raças que constam das listas selecionadas em cada país. O facto acaba por gerar uma grande confusão entre o que são cães potencialmente perigosos e o que são cães perigosos, que convém esclarecer.

Quando se fala em cães potencialmente perigosos é importante referir que são assim considerados por causa da sua forte estrutura corporal e mandibular, e não pelo seu comportamento.

E a prova é que a maioria dos cães de raças consideradas potencialmente perigosas vivem a sua vida inteira sem nenhuma ocorrência grave ou de perigo. Aliás, muitas das raças que serão mencionadas como potencialmente perigosas estão entre as mais meigas, leais e humildes



Por incrível que pareça, uma das raças que mais morde é o Dachshund, também conhecido por salsicha.

perante os humanos, e muitos destes cães até são utilizados em terapia e são ideais para conviver com crianças.

Isto só nos leva a concluir que o ambiente do cão é importante. Quando os donos são justos, cuidadosos e carinhosos com o seu animal dificilmente ele se transformará numa criatura perigosa e agressiva.

A lei considera um animal potencialmente perigoso todo o animal que, devido às características da sua espécie, comportamento agressivo, tamanho ou potência de mandíbula, possa causar lesão ou morte a pessoas ou a outros animais.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 315/2009 de 29 de outubro são potencialmente perigosas as seguintes raças de cães: Cão de Fila Brasileiro, Dogue Argentino, Pitbull Terrier, Rottweiler, Staffordshire Terrier Americano, Staffordshire Bull Terrier, e Tosa Inu, bem como os cruzamentos de primeira geração destas, os cruzamentos destas entre si ou cruzamentos destas

com outras raças, obtendo assim uma tipologia semelhante a algumas das raças referidas.

Atenção que cães potencialmente perigosos não são sinónimo de cães perigosos. Estes últimos dependem das condições em que se encontram e são-no independentemente da raça a que pertencem.

Assim, considera-se perigoso qualquer cão que:

- Tenha mordido, atacado ou ofendido o corpo ou a saúde de uma pessoa;
- Tenha ferido gravemente ou morto um outro animal, fora da propriedade do seu detentor;
- Tenha sido declarado, voluntariamente, pelo seu detentor, à junta de freguesia da sua área de residência, que tem um carácter e comportamentos agressivos;

– Tenha sido considerado pela autoridade competente como um risco para a segurança de pessoas ou animais, devido ao seu comportamento agressivo ou especificidade fisiológica.

É importante saber distinguir os dois conceitos e conhecer o enquadramento legal por detrás da detenção destes animais antes de tomar a decisão de adotar uma raça deste género, pois adotar é para a vida toda!

Implicações de ter um cão perigoso ou potencialmente perigoso

Antes de mais, é considerado detentor de cão de raça perigosa ou potencialmente perigosa qualquer pessoa singular, maior de 16 anos, sobre a qual recai o dever de

vigilância deste tipo de animal para efeitos de criação, reprodução, manutenção, acomodação ou utilização, com ou sem fins comerciais, ou que o tenha sob a sua guarda, ainda que temporariamente.

Talvez não saiba mas os cães de raça, de forma geral, dividem-se em quatro grandes grupos: os de caça, os de guarda, os de competição e, é claro, os de companhia.

Caso pretenda ter um destes cães como animal de companhia, deverá solicitar à sua junta de freguesia uma licença específica para a detenção de cães perigosos ou potencialmente perigosos, entre os três e os seis meses. Para a conseguir deverá apresentar os seguintes documentos:

- 1) Um termo de responsabilidade, conforme modelo existente (trata-se de uma declaração muito simples onde refere não ter sido privado do direito de deter este tipo de cães e declara assumir a responsabilidade por essa detenção);
- 2) O certificado do registo criminal – se tiver sido condenado pelo crime de promoção de lutas entre animais, ofensas à integridade física ou circulação em locais públicos ou partes comuns de prédios com um cão perigoso ou potencialmente perigoso sob o efeito de álcool ou drogas, homicídio, tráfico, entre outros, a licença ser-lhe-á negada;

3) Documento que prove que celebrou um seguro de responsabilidade civil (com o capital mínimo de 50 mil euros) destinado a cobrir os danos causados pelo animal;

4) Boletim sanitário, devidamente preenchido pelo médico veterinário, que comprove, em especial, a vacinação anti-rábica;

5) Prova de identificação eletrónica, comprovada pela equiqueta com o número de identificação;

6) Comprovativo de esterilização do animal, quando obrigatória, ou comprovativo da inscrição do animal no Livro de Origens.



Muitas das raças mencionadas como potencialmente perigosas estão entre as mais meigas, leais e humildes perante os humanos, sendo inclusive utilizadas em terapia sendo ideais para conviver com crianças.



Para o efeito devem existir vedações com, pelo menos, 2 m de altura em material resistente, que separem o alojamento dos animais da via ou espaços públicos, e das habitações vizinhas. Tenha atenção que o espaçamento entre o gradeamento ou entre este e os portões ou muros não pode ser superior a 5 cm.

Em locais públicos ou em partes comuns de prédios o animal deve obrigatoriamente andar com açaima.

É ainda obrigatório afixar, em local visível e legível, placas de aviso da presença e perigosidade do animal (“Cuidado com o cão”), no exterior do local do seu alojamento e no da residência.

É importante referir que esta licença pode ser solicitada pelas autoridades competentes a qualquer momento, devendo o dono ser portador da mesma em qualquer deslocação com o seu cão.

A perigosidade canina, mais do que aquela que seja eventualmente inerente à raça ou cruzamento de raças, está muito dependente do tipo de treino que é ministrado ao cão – muitas vezes dirigido para a violência –, e com a ausência de socialização a que os cães são sujeitos, que é essencial para o seu equilíbrio e bem-estar.

Assim, quem tenha um cão perigoso ou potencialmente perigoso fica obrigado a promover o seu treino, com vista à socialização e obediência, que se deve iniciar entre os 6 e os 12 meses de idade do animal.

Este treino só pode ser realizado em escolas de treino ou terrenos provados próprios para o efeito e apenas pode ser ministrado por treinadores devidamente autorizados pela DGAV.

Mas as obrigações de um dono deste tipo de animal não se ficam por aqui. Há que tomar algumas medidas de segurança especiais como, por exemplo, vigiar o cão, de forma a evitar que este coloque em causa a vida ou integridade física de outras pessoas e animais.

Estas medidas de segurança devem ser reforçadas também em casa, mas especialmente quando se circule com o animal. Assim, as residências de quem tenha um cão perigoso ou potencialmente perigoso devem estar protegidas de forma a impedir a fuga do animal e acautelar de forma eficaz a segurança das pessoas, outros animais e bens.

No que respeita à circulação na rua, em locais públicos ou em partes comuns de prédios o animal deve obrigatoriamente andar com açaima funcional que não permita comer nem morder e, em simultâneo, com uma trela curta (até 1 m de comprimento) que deve estar fixa a uma coleira ou a um peitoral – tudo em material resistente.

As normas e deveres dos detentores de cães perigosos e potencialmente perigosos antes enumeradas são parte da legislação criada na sequência da divulgação de várias notícias sobre ataques a animais e pessoas, que causaram graves danos ou até mesmo a morte das vítimas.

Mas serão os cães destas raças agressivos por natureza, ou produto da criação humana?

Cães de raças perigosas ou má educação?

Não há informações concretas sobre a existência de raças mais ou menos perigosas que as demais. Nenhum cão nasce perigoso, são as pessoas que o influenciam.

Até um Dachshund pode ser educado para ser agressivo, naturalmente a sua mordida provocará menos danos do que a de um cão com uma mandíbula grande e forte.

Já o Rottweiler, tal como o Staffordshire Terrier Americano é, por natureza, um cão meigo e tranquilo. Em mãos experientes estes animais mantêm-se descontraídos e não demonstram agressividade.

Pode depreender-se, portanto, que qualquer cão, independentemente da sua raça, pode vir a ser considerado perigoso, e que um cão de raça potencialmente perigosa pode ser um animal extremamente manso, obediente e afável.

Acima de tudo deve desenvolver-se uma ligação saudável entre cão e dono. É essencial habituar o cão a diversos ambientes e estímulos, a outras pessoas e a outros animais.

Um cão tranquilo e sereno não representa uma ameaça no espaço onde se movimenta. No caso dos cães potencialmente perigosos, isto é especialmente importante devido à sua envergadura. As palavras mágicas para educar um cão deste tipo são: afeto e consistência.

O dono tem um papel determinante na formação e no futuro dos seus cães, e só existindo essa consciencialização é que se podem evitar

os incidentes relacionados com ataques de cães. Antes de adotar um cão reflita sobre as suas reais capacidades para o educar!

Saber Mais:

https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2017/02/coimbra.old_joomla-tools-files_docman-files_brochura_caes_perigosos_potenc_perigosos.pdf

<https://www.vidaativa.pt/a/caes-potencialmente-perigosos/>

<https://www.ornimundo.com/pt/caes-de-racas-perigosas-cuidados-a-ter>



FICHA TÉCNICA - Propriedade e Edição: Tupam Editores SA • Sede: Rua da República Peruana, nº9 1º Dto, 1500-550 Lisboa • Telef.: 217609308 • Fax: 217609141 • Web: www.tupam.pt • email: info@tupam.pt • Diretor: C. Simões-Lopes • Chefe de Redação: A. Correia • Diretor Médico: Prof. Doutor E. Marques Fontes • Diretor Farmacêutico: Dr. V. Lobo Neves • Execução Gráfica: Tupam Editores SA • Circulação média da última edição: 400 exemplares impressos, 5.800 Digitais PDF • Periodicidade: Mensal • ISSN: 2182-2220 • Imagens e Infografias: Técnica & Magia Lda • Publicidade: 217609308 ou dircomercial@tupam.pt • ©Tupam Editores, Copyright 2019 Todos os direitos reservados
VET DIGEST®, o logótipo "Pegaso" e Índice®, são marcas registadas da Tupam Editores. Todas as outras marcas comerciais e marcas registadas, são propriedade dos respetivos detentores. • Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a permissão da Tupam Editores.
Aviso Legal: Os conteúdos deste Magazine são de carácter informativo e não podem ser considerados exatos, fiáveis ou completos, sendo da inteira responsabilidade do leitor a sua interpretação e avaliação.

Raças potencialmente perigosas



CÃO DE FILA BRASILEIRO

Origem: Brasil

Utilização: Cão de guarda, gado vacum, caça grossa.

Aspetto: Molossóide; estrutura óssea poderosa, compacto, grande agilidade.

Temperamento: Valente e determinado; obediente e fiel, é muito característico ser desconfiado com estranhos. Olhar fixo e penetrante, calmo, seguro de si mesmo.

Movimento: Passo largo e elástico (tipo camelo). Trote fácil e harmonioso. Galope poderoso, alcança grande velocidade com rápidas mudanças de direção.

Tamanho/Peso: 65-75 cm/50 Kg (macho); 60-70 cm/40 Kg (fêmea).



DOGUE ARGENTINO

Origem: Argentina

Utilização: Caça maior (montaria)

Aspetto: Molosso; robusto, atleta, potente musculatura, reação rápida.

Temperamento: Alegre, humilde, consciente do seu poder; dominante, compete território com outros machos, astuto, silencioso, aguerrido e valente.

Movimento: Ágil e firme rápido nos reflexos; passo pausado, trote amplo, galope potente.

Tamanho: 62-68 cm (machos); 60-65 cm (fêmeas).



PITBULL TERRIER (*American Pitbull Terrier*)

Origem: EUA

Utilização: Antigamente como cão de luta. Atualmente tem sido utilizado como cão de terapia para doentes.

Aspetto: Peito largo, musculoso, ágil, compacto.

Temperamento: Inteligente e fiel ao dono. Resistente, autoconfiante, entusiasta e alegre. Tenaz, corajoso, brincalhão e muito teimoso. Agressivo e dominante com outros cães.

Movimento: Trote suave, poderoso, fácil com boa propulsão de posteriores.

Tamanho/Peso: 46-56 cm/16-30 kg (macho); 46-56 cm/13-25 kg (fêmea).



ROTTWEILER

Origem: Alemanha

Utilização: Cão de companhia, serviço e trabalho (antigamente, proteção e defesa, e condução de grandes rebanhos).

Aspetto: Robusto, porte médio a grande, compacto, forte, ágil e resistente.

Temperamento: Amigável, obediente, autoconfiante e corajoso; atento a tudo o que o cerca, reage com grande presteza.

Movimento: Trotador; seguro, potente, passada larga; muito ágil e dinâmico, rápido nos reflexos.

Tamanho/Peso: 61-68 cm/45-65 Kg (macho); 56-63 cm/37-58 Kg (fêmea).



STAFFORDSHIRE TERRIER AMERICANO

Origem: EUA

Utilização: Cão de guarda e proteção.

Aspetto: Peito largo, musculoso, ágil, compacto.

Temperamento: Sem medo e seguro, muito corajoso. Fiel ao dono. Pode ser agressivo para outros cães.

Movimento: Flexível, sem movimento lateral.

Tamanho: 43-48 cm (macho); 18-23 Kg (fêmea).



STAFFORDSHIRE BULL TERRIER

Origem: Grã-Bretanha

Utilização: É conhecido na Inglaterra como “nanny dog” (cão-ama), devido a afinidade e proteção dada às crianças.

Aspetto: Pêlo liso, musculoso, ativo e ágil, de grande força para o tamanho.

Temperamento: Valor e tenacidade insuperáveis, valente, intrépido e inteligente.

Movimento: Vigoroso e ágil, forte impulso de posteriores.

Tamanho/Peso: 35-40 cm/12-17 Kg (macho); 35-40 cm/11-15 Kg (fêmea).



TOSA INU

Origem: Japão

Utilização: Cão de guarda, antigamente como cão de combate.

Aspetto: Grande tamanho, majestoso, robusto. Orelhas caídas, pêlo curto, chanfro quadrado e cauda caída, grossa na base.

Temperamento: Paciente, sangue frio, audácia e valor.

Movimento: Forte e vigoroso.

Tamanho/Peso: + de 60 cm/± 40 Kg (macho); + de 55 cm/± 40 Kg (fêmea).

A lei considera um animal potencialmente perigoso todo o animal que, devido às características da sua espécie, comportamento agressivo, tamanho ou potência de mandíbula, possa causar lesão ou morte a pessoas ou a outros animais.

Veterinários portugueses vão criar ovelhas Suffolk no Algarve

Dois médicos veterinários portugueses começaram a produzir ovelhas da raça Suffolk – uma espécie autóctone do Reino Unido, que resulta do cruzamento das raças Southdown e Norfolk.

O sonho de Clárisse Breda e José Leitão é competir em Portugal e exportar ovinos desta raça para todo o mundo. Os dois médicos veterinários, com experiência em clínica de animais de companhia e de animais de produção, a exercer na clínica veterinária GuiaVet, em Albufeira, sempre gostaram das ovelhas desta raça.

Segundo José Leitão, são animais bastante dóceis e de fácil manejo. São robustos, de grande porte, equilibrados e de grande beleza.

A postura da cabeça e as orelhas são, sem dúvida, uma particularidade muito especial da raça. Possuem lâ curta, cascos, membros inferiores e cabeça pretos sendo inconfundíveis pela sua conformação.

Os machos têm porte imponente e bem configurado, são musculosos e com forte libido; e as fêmeas são excelentes mães, possuem

grande aptidão leiteira por curto espaço de tempo o que facilita os desmames precoces.

De referir que, para além da excepcional adaptação ao clima, ao solo e à vegetação natural, a mais-valia destes animais é o rápido crescimento e a qualidade da sua carne. No entanto, apesar destas ovelhas, tal como todas as outras, existirem para consumo humano, e até possuírem uma carcaça com muita massa muscular e baixo teor em gordura, o objetivo dos veterinários é procurar um animal exce-

cional a nível morfológico e vender a sua genética, e não a sua carne.

Recentemente, encontraram seis exemplares da raça na Irlanda do Norte que decidiram importar para Portugal, onde vão iniciar a criação com o objetivo de, em 2020, começar a participar nos concursos de Suffolk que se realizam em Portugal, com os borregos que irão nascer em janeiro – isto porque apenas os animais nascidos em território nacional podem competir.

O objetivo final destes profissionais é serem reconhecidos e distinguidos como “os melhores criadores de Portugal” para depois iniciarem a exportação de ovelhas desta raça para outros países.

Saber Mais:

<https://www.barlavento.pt/destaque/algarve-tem-novo-criador-de-ovelhas-de-raca-suffolk>

<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/casal-aposta-na-criacao-de-ovelhas-cho-ne-na-regiao-do-algarve>

<http://www.suffolk.pt/?page=caractraca&lng=pt>





Festival de Observação de Aves celebrou 10º aniversário

O Festival de Observação de Aves e Atividades de Natureza celebrou o seu 10.º aniversário entre os dias 10 e 13, com cerca de 1500 participantes vindos de 36 países.

Foram quatro dias repletos de iniciativas dedicadas à natureza, realizadas em vários pontos de Sagres, desde o Pavilhão Multiusos ao Cabo de São Vicente, passando pelo Forte do Beliche, a Cabranosa e o Monte das Esparregueiras.

Um dos objetivos do evento, organizado em conjunto pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), do mu-

nicípio de Vila do Bispo, e pela Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve, era explicar como as tradições e a conservação de natureza podem ser aliadas.

Além de saídas de campo, em que os participantes puderam combinar uma caminhada com atividades de preservação da Rota Vicentina, realizaram-se ainda sessões de observação de aves em terra e no mar e *workshops* e palestras, nomeadamente de iniciação à observação de aves ou de identificação de anfíbios e répteis.

Nas caminhadas, saídas de barco e pontos de observação fixos, este ano foram observadas 217 espécies de aves, incluindo algumas menos comuns, como a petinha-de-richard e raridades como a felosa-listada e o moleiro-rabilongo. Outro dos momentos altos desta 10ª edição foi a observação de cem águias-calçadas em simultâneo, logo no primeiro dia do festival.

Nas novidades deste ano o destaque vai para uma forte presença das artes, com variadíssimas sessões de fotografia (de aves noturnas a aves em voo, e de técnicas de campo a fotografia de estrelas) e de ilustração

(desde esboços no campo a ilustrações com esferográfica).

Durante o festival foi ainda apresentado o 1.º Guia de Aves do Concelho de Vila do Bispo e do Promontório de Sagres, uma ferramenta preciosa para partir à descoberta das aves da região.

Saber Mais:

<https://www.birdwatching-sagres.com/>

http://almargem.org/site/index.php?option=com_content&view=article&id=168&Itemid=67

Percevejo asiático: estaremos perante uma nova ameaça?

A introdução de espécies exóticas pelo comércio mundial de bens e serviços continua a causar grande impacto por todo o mundo. Têm surgido várias notícias que referem a possibilidade de Portugal se vir a confrontar com a proliferação de uma nova espécie, o percevejo asiático.

O *Halyomorpha halys* é um percevejo de origem asiática que tem vindo a causar preocupações em vários países da Europa, provocando estragos em várias culturas, nomeadamente em espécies de fruteiras.

Presente em 15 Estados-Membros, o inseto pode chegar a Portugal, razão que levou a Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) e as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) a emitir um alerta onde afirmam que têm vindo a acompanhar a evolução deste problema fitossanitário, estando já em curso um Programa Nacional de Prospecção direcionado para a identificação da presença do inseto.

Pertencente à Ordem *Heteroptera*, e Família *Pentatomidae*, o percevejo asiático apresenta elevado risco para o nosso país, devido à sua enorme adaptabilidade, polifagia e preferência por plantas hortícolas e frutícolas com interesse comercial. A DGAV esclarece, contudo,



Pertencente à Ordem *Heteroptera* e Família *Pentatomidae*, o *Halyomorpha halys* apresenta elevado risco para o país devido à sua enorme adaptabilidade.

que este inseto não é perigoso para pessoas ou animais: não morde, não pica ou suga sangue, nem transmite doenças, mas exala um cheiro forte e desagradável, razão

por que é conhecido como *brown marmorated stink bug* (percevejo fedorento).

Face às suas características é expectável a sua disper-

são pelo território da UE, em particular através do movimento de mercadorias, de meios de transporte e de pessoas, pelo que os agricultores devem estar particularmente atentos à sua eventual presença em maquinaria e bens que entrem nas suas explorações agrícolas.

Em caso de deteção, deverão ser tomadas medidas de controlo. Além da luta química, estão já a ser estudadas formas de controlo biológico desta praga, nomeadamente o uso de agentes já usados em fase experimental em Itália.

Saber mais:

<https://lifestyle.sapo.pt/saude/noticias-saude/artigos/percevejo-asiatico-ameaca-portugal-mas-nao-e-perigo-so-para-animais-e-humanos>

<https://www.onoticiasdatrofa.pt/percevejo-asiatico-estamos-perante-uma-nova-ameaca/>

http://www.inia.vpt/fotos/editor2/o_sugador_halyomorpha_halys.pdf

Prebióticos podem ser prejudiciais para os equinos



Os prebióticos são fibras não digeríveis que foram introduzidos na alimentação dos cavalos por se acreditar que podiam estimular o crescimento e a atividade de determinadas bactérias benéficas para o intestino dos animais, estabilizando a sua flora intestinal mas, afinal, estes suplementos alimentares não são tão benéficos quanto se pensava.

De acordo com uma equipa de cientistas da Universidade Martin Luther Halle-Wittenberg (MLU) e da Universidade de Medicina Veterinária de Hannover, ambas na Alemanha, antes de chegarem ao intestino, estes suplementos decompõem-se parcialmente no estômago dos animais, podendo provocar a inflamação do seu revestimento.

Durante o estudo, os cientistas analisaram o efeito do tupinambo, ou alcachofra de Jerusalém (*Helianthus tuberosus*) – um prebiótico frequentemente utilizado na alimentação de equinos –, na saúde de cavalos.

Antes de chegarem ao intestino, os suplementos decompõem-se parcialmente no estômago dos animais podendo provocar inflamação.

Seis cavalos receberam uma alimentação normal suplementada por tupinambo, e o grupo de controlo, também

composto por seis animais, recebeu um placebo juntamente com a sua alimentação normal. Posteriormente, os cientistas analisaram o equilíbrio de bactérias no trato digestivo dos animais de ambos os grupos.

Os resultados revelaram que estes suplementos se decompõem parcialmente no estômago dos animais antes de chegarem ao intestino, podendo provocar a inflamação no seu revestimento.

Conclui-se, então, que na sua forma atual os prebióticos são provavelmente mais prejudiciais do que benéficos para os animais. Por essa razão, os cientistas sugerem que estas substâncias sejam tratadas para que cheguem ao intestino numa dose que tenha um efeito positivo na microbiota.

Saber mais:

<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0220553>

<https://www.sciencedaily.com/releases/2019/10/191001102217.htm>

<https://equinescienceupdate.blogspot.com/2019/>

BEM-ESTAR ANIMAL



ROUPAS





A sciência animal tem recebido pouca atenção por aqueles que estudam as características e capacidades de animais não humanos.

Se não sabia, sciência significa “aquele que sente, que experiencia sensações”.

A verdade é que esta qualidade dos animais nem sempre foi admitida. Durante muitas décadas pensava-se que não tinham sentimentos, e este “conhecimento popular” não está assim tão distante – talvez ainda se lembre de ouvir os seus pais dizerem que os animais não sentem frio, ou dor, o que é lamentável!

Necessidade ou moda?

PARA ANIMAIS

São vários os estudos científicos que comprovaram que os animais não só sentem frio, calor, dor ou medo mas que ainda têm capacidade de sentimentos mais “complexos” como saudade, depressão, e felicidade, entre outros.

Assim, e com a estação mais fria do ano à espreita há cuidados que deve ter com os seus amigos de quatro patas. Apesar de possuírem pelo, eles também estão suscetíveis às doenças associadas às baixas temperaturas, como gripes, constipações, doenças respiratórias e problemas osteoarticulares.

Cães e gatos podem sofrer com quedas bruscas de temperatura, com o vento e ainda com eventuais chuvas – daí a importância de os manter aquecidos.

Para tal, alguns donos recorrem ao uso de roupas para animais – um tema algo polémico. A questão que se põe é: serão essas roupas uma necessidade para os nossos melhores amigos se manterem confortáveis e quentinhos ou são, por outro lado, mera vaidade dos donos e até tentativa de humanização?

Frio: cada animal um caso diferente

Sabemos que existem pessoas mais friorentas que outras, e o conceito aplica-se na perfeição aos cães. Cada animal é um “indivíduo” e, como tal, um pode sentir mais frio ou menos frio de acordo com a sua fisiologia, ambiente, biologia, etc. A regra é a seguinte: se está frio para si, está frio para ele!

Apesar de a grande maioria dos cães vir “equipado” com pelo que os protege contra o frio, nem todos os cães têm o mesmo tipo de pelo, nem a mesma quantidade. E o tamanho e o tipo de pelo têm influência no frio que o animal sente.

Existem cães com pelo comprido e volumoso, com muito sub-pelo, e cães que quase não têm pelo nenhum. Quanto menos pelo, menos sub-pelo, ou mais fino for o pelo, mais frio sentirá o cão.

Obviamente que se tem um Malamute dificilmente ele sentirá muito frio em Portugal, uma vez que estes cães têm uma estrutura e constituição que lhes permite aguentar as temperaturas geladas do local de onde vêm. No entanto, tirando cães que possuem um lindo, farto e quente casaco de pelo (e que mesmo assim podem ser friorentos) a maioria dos

Apesar de possuírem pelo, estão suscetíveis às doenças associadas às baixas temperaturas, como gripes, constipações, doenças respiratórias e problemas osteoarticulares.





cães tem um pelo que lhes permite aguentar algum frio, mas não por muito tempo seguido, nem temperaturas muito baixas.

A título de curiosidade, para além do Malamute do Alasca, as raças mais tolerantes ao frio incluem o Akita Inu, Samoiedo, Husky Siberiano, Mastiff Tibetano, Chow Chow, Bouvier de Flandres, Shiba Inu, entre outros.

Entre as raças mais sensíveis ao frio estão o Chihuahua, Galgo, Pitbull Terrier, Boston Terrier, Pug, Bulldog Francês, Greyhound, Boxer, Grand Danois, Dachshund, Pinscher miniatura e o Yorkshire Terrier.

Como pode constatar, o frio que um animal sente não tem a ver com o seu tamanho. Cães de porte pequeno com pelo avolumado existem muitos, como o Shiba Inu, por exemplo, que é dos

poucos cães no mundo que têm pelo até na barriga. Da mesma forma, os cães de porte grande (Grand Danois) não estão livres de sentir frio simplesmente pelo seu tamanho. É, no entanto, mais fácil aquecer um cão de porte pequeno do que um de porte grande.

Há ainda outras condições que têm influência no frio que um animal sente. Os cães mais magros, com menos tecido adiposo (gordura), estão menos protegidos do frio pois a gordura corporal ajuda a preservar o calor.

Quanto mais velhotes, mais friorentos! Tal como as pessoas, os animais idosos, com menos defesas, não conseguem lidar tão bem com o frio e a humidade estando mais predispostos a desenvolver patologias pela supressão do sistema imunitário que surge consequentemente.

Deve ter-se em consideração que cães com osteoartrites estão sujeitos a “recaídas mais frequentes” durante as estações frias (com mais dores ósseas e articulares e menor capacidade de movimento). Nestes casos, a proteção contra o frio deve ser ainda mais reforçada.

Roupa: necessidade ou moda?

O uso de roupas em animais é um assunto que levanta muitas dúvidas. Serão realmente necessárias? Deverão ser usadas todos os dias? Colocam em risco a sua saúde?

É normal que se questione sobre estes aspetos, só revela que se preocupa verdadeiramente com o seu bem-estar e que não o veste por vaidade ou para “andar na moda”.

Vestir os cães de bananas, morcegos, cachorros quentes, de Pai Natal, pintar o seu pelo porque se acha bonito ou, simplesmente, por motivos estéticos é aberrante. Os animais não são objetos de decoração que vamos enfeitando conforme a nossa vontade. No entanto, vestir cães para os proteger do frio não só não é aberrante, como indica que é um dono preocupado e bem informado acerca das necessidades do seu cão.



Entre nós pode parecer estranho ver um cão com botas mas, por exemplo, no Canadá, com 10 cm de neve, torna-se um acessório necessário ao bem-estar dos animais pois, sem elas, não conseguiriam andar na neve mais de 5 minutos sem começar a coxear e a revelar desconforto, além de criarem gretas.

Este clima exige ainda que se passe creme nas patas de modo a evitar frieiras e outras feridas provocadas pelo frio. Aqui todos os agasalhos são bem-vindos e necessários.

O importante é lembrar-se que a função principal dessa roupa é protegê-lo do frio. Ele é um cão, não um modelo. Em vez da estética e da moda deve vir, sempre, a utilidade.

Se chegar à conclusão que, devido às características físicas do cão e às baixas temperaturas da região onde vive, a roupa pode melhorar o seu bem-estar, existem muitas opções no mercado, contudo, na hora de a adquirir convém ter em conta alguns aspetos:

Defina que tipo de roupa o seu cão precisa – para o frio, chuva, etc; Meça-o antes de lhe comprar roupa para garantir que compra o tamanho adequado;

Escolha materiais confortáveis. A lã, por exemplo, costuma causar comichão; Evite roupas com pequenas peças como botões, fios pendurados e tudo onde o animal possa ficar preso, ou que possa engolir;



Evite roupas com fechos, pois podem facilmente prender os seus pelos;

Tenha sempre em consideração o tipo de pelo e constituição física do seu cão, já que animais obesos ou de pelagem grossa podem rapidamente sobreaquecer se usarem roupas muito quentes (não hesite em consultar o seu médico veterinário para conselhos específicos para o seu cão).

Para cobrir com roupa um cão de forma correta, esta deverá ir até à base do rabo. A parte lombar traseira, talvez por ter menos gordura, é uma das partes que mais sofre com o frio, portanto, os modelos que deixam descoberta essa área apenas estão “na moda”, e não são projetados para a necessidade do animal.

Opte essencialmente por peças confortáveis. E certifique-se que as roupas que lhe veste não lhe prendem os movimentos.

Tenha muito cuidado também com os cachecóis. Os cães não costumam gostar nada deles e fazem de tudo para os retirarem. No meio de tal processo, alguns chegam mesmo a enforcar-se. Por isso, cães e cachecóis, definitivamente não.



Se colocar um impermeável, um casaco, uma camisola ou outro agasalho no seu cão deve ter presente que estes servem apenas para ir à rua e devem ser retirados assim que chegam a casa.

As botinhas até podem ser necessárias na neve ou na chuva, mas em casa, e se usadas por muito tempo, podem acabar por impedir que os coxins do cão (as almofadinhas na sola das patas) respirem corretamente dando origem a problemas que vão desde a proliferação de bactérias até lesões nas patas, sem esquecer a possibilidade de quedas – no caso de a sola do calçado não ter nenhum tipo de antiderrapante.

Uma das maiores desvantagens das roupas para animais de estimação são as reações alérgicas que podem causar. Existem muitas raças de cães, e gatos, que têm naturalmente uma pele muito delicada.

Para eles, o simples roçar com o tecido e a costura de roupas ou brinquedos pode causar muitos desconfortos, alergias e inflamações da pele.

Tenha em mente que a roupa do seu animal necessitará de um higiene reforçada para evitar a proliferação de microorganismos no lar. Esta limpeza também deve remover manchas e odores.

Proteger os animais do frio é uma questão de senso comum. Mas, se vestir uma roupa ao seu cão e ele passar o tempo todo a tentar tirá-la, isso significa que está desconfortável e não quer andar vestido. Se lhe parecer triste ou refilão, o significado é o mesmo.

Nem todos os animais gostam das mesmas coisas. Se ele tiver frio, opte por uma manta bem quentinha. Verá que ele vai adorar esta opção.

Se ele tiver frio opte por uma manta quentinha. Verá que vai adorar esta opção!





Quando vestir
o seu animal
tenha em mente
que, em vez da
estética e da moda
deve vir, sempre,
a utilidade.



Vestir o seu gato, ainda que ele revele frio, vai ser ainda mais difícil. Os gatos detestam roupas ou qualquer outro acessório.

O facto de serem, fisicamente, mais flexíveis do que um cão permite que tirem as vestimentas com mais facilidade e, por isso, vesti-los pode ser um verdadeiro desafio.

Não importa o quão bonita possa parecer uma roupa se o nosso amigo de quatro patas se sentir mal ao usá-la.

A sugestão é que não insista em demasia, pois todos sabemos que os gatos são teimosos e têm personalidade própria. Se a dificuldade em se adaptarem às roupas persistir, será preferível oferecer ao seu animal outras opções para se aquecer.

Prepare um cantinho só para ele, com bastantes almofadas, perto de uma fonte de calor segura para o seu amigo e ele manter-se-á, dessa forma, sempre quentinho e confortável.

No que diz respeito a vestir os animais, lembre-se que os nossos gostos começam a ser um problema quando interferem no bem-estar dos nossos animais de estimação.

Por isso, não importa o quão bonita possa parecer uma roupa se o nosso companheiro de quatro patas se sentir mal ao usá-la.

Antes de impor um novo hábito observe as suas reações e emoções... e dê-lhes ouvidos!

Saber Mais:

<https://meusanimais.com.br/roupas-para-animais-de-estimacao/>

<http://drbigodes.pt/roupa-para-cao-necessidade-ou-excesso/>

<https://revistacaesecia.sapo.pt/12-dicas-proteja-cao-gato-do-frio/>



ÍNDICE.EU



Toda a Saúde

Publicidade

Donos vão pagar 2,5 euros pelo registo dos seus animais



A identificação de animais de companhia é obrigatória para cães até 90 dias após o seu nascimento, e a sua marcação e registos abrange animais nascidos em território nacional ou nele presentes por período igual ou superior a 120 dias.

No caso dos gatos, são obrigados a ter um microchip de identificação até 2021, à semelhança do que acontece com os cães.

Assim, os tutores dos animais que nasceram após a publicação da lei têm três meses para registar os felinos e aqueles que nasceram até então podem ser registados no prazo de dois anos.

Caso o dono não efetue este registo, ocorre em multas que podem variar entre os 50 e os 3.740 euros no caso de uma pessoa singular, ou até um máximo de 44.890 euros no caso de uma pessoa coletiva.

Importa referir que estas regras se aplicam apenas aos novos registos dos animais, ou seja, os donos cujos animais já tenham um microchip devidamente registado não têm de pagar esta taxa de 2,50 euros.

Saber Mais:

<https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/registo-obrigatorio-de-animais-de-companhia-custa-25-euros>

<https://diariodistrito.pt/governo-implementa-novo-registo-obrigatorio-para-animais-de-companhia/>

<https://dre.pt/home/-/dre/125047272/details/maximized>

De forma a evitar o abandono dos animais, promovendo uma detenção responsável, tornou-se obrigatório o registo dos mesmos no Sistema de Informação de Animais de Companhia (SIAC), contudo, ainda não tinha sido definido o preço que os donos teriam de pagar.

Agora, de acordo com a Portaria n.º 346/2019, publicada a 3 de outubro, os donos de cães, gatos e furões ficam a saber que terão de pagar 2,50 euros pelo registo de cada animal de companhia.

O valor agora fixado para o registo apenas estará em vigor em 2019 e 2020, ficando sujeito a atualização

anual calculada com base no valor da inflação divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística.

Este registo no SIAC reúne informações relativas ao chip que se coloca nos animais, a identificação do dono e respetivos dados de contacto, e ainda do médico veterinário que procede à marcação do animal.

Pessoas obesas têm maior probabilidade de ter cães obesos

Um estudo realizado por investigadores da Universidade de Copenhaga, na Dinamarca, permitiu concluir que os donos obesos ou com excesso de peso têm maior probabilidade de ter cães obesos ou com excesso de peso, do que donos magros ou com peso normal.

De acordo com os autores do estudo, enquanto os donos magros ou com peso normal apenas utilizam as recompensas com o propósito de treinar os animais, os donos com excesso de peso têm tendência para oferecer recompensas aos seus animais pelas mais variadas razões.

Durante o estudo foram analisados 268 cães adultos, 20,5 por cento dos quais com excesso de peso ou obesos. Segundo os investigadores, os donos de cães com peso normal tendem a usar as recompensas com o objetivo de treinar os seus animais, já os donos obesos fazem-no para os mimar ou por uma questão de higiene, por exemplo, quando estão a relaxar no sofá, partilham a última dentada de uma sanduíche ou uma bolacha com o

seu cão, assim, apurou-se que a probabilidade de existir excesso de peso é duas vezes maior no caso dos donos com excesso de peso do que nos donos com um peso normal.

O estudo revelou ainda que os cães castrados também têm maior probabilidade de ser obesos ou ter excesso de peso, uma relação que não se verificou no caso das cadelas esterilizadas.

A castração parece diminuir a capacidade para

regular o apetite nos machos e, ao mesmo tempo, diminui o incentivo para se exercitarem, o que resulta no aumento do risco de obesidade.

Não é novidade para ninguém que a obesidade animal – caracterizada pela acumulação excessiva de gordura nas zonas de depósito de tecido adiposo e excesso de peso igual ou superior a 20 por cento –, está muitas vezes associada a uma alimentação desequilibrada e ao sedentarismo.

E o problema está em rota de crescimento. Nos países ocidentais, entre 20 a 59 por cento dos cães têm excesso de peso ou são obesos.

Saber Mais:

https://news.ku.dk/all_news/2019/09/overweight-danes-are-more-likely-to-have-overweight-dogs-according-to-new-research/

<https://vetpracticemag.com.au/overweight-danes-more-likely-to-have-overweight-dogs/>



Resistência aos antibióticos em animais de produção continua a crescer

A resistência aos antibióticos em animais de produção continua a aumentar em países com rendimentos médios e baixos, revelou um estudo recentemente publicado na revista científica Science.

Os cientistas que fizeram parte da investigação estimam que a resistência aos antibióticos tenha duplicado nos últimos 20 anos, com as bactérias cada vez mais adaptáveis e resistentes à ação dos antibióticos.

Para chegar a esta conclusão, a equipa analisou 901 estudos epidemiológicos que avaliaram a evolução de várias bactérias – *Salmonella*, *Campylobacter*, *Staphylococcus* e *Escherichia coli* –, ao longo do tempo.

Segundo Van Boeckel, do Swiss Federal Institute of Technology, em Zurique, pela primeira vez, houve evidências de que a resistência aos antibióticos [em animais de produção] está a aumentar, e muito rapidamente, nestes países.

O problema é que o aumento das resistências antimicrobianas nos animais de produção terá um consequente impacto no bem-estar e na saúde dos consumidores, por essa razão, os cientistas acentuam a necessidade de desenvolvimento de melhores políticas para o setor pecuário a nível global.

Acima de tudo, os cientistas temem que este problema se estenda aos humanos, e que as bactérias a que somos vulneráveis deixem de responder aos tratamentos atualmente usados para as combater.

Já no mês de maio, um grupo de trabalho constituído pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e Organização Mundial de Saúde (OMS) havia publicado um relatório que pedia ação imediata para evitar uma crise mundial de resistência aos antimicrobianos.

Também o Grupo Especial de Coordenação Interinstitucional sobre a Resistência aos Antimicrobianos das Nações Unidas (IACG) defendia que a saúde humana, animal, ambiental e a segurança dos alimentos estão estreitamente relacionados e pedia esforços conjuntos numa lógica “One Health” (saúde única) para fazer frente a uma crise mundial de resistência aos antibióticos.

Saber Mais:

<https://science.sciencemag.org/content/365/6459/eaaw1944>

<https://www.medicalnewstoday.com/articles/326436.php#1>

<https://phys.org/news/2019-09-global-antibiotic-resistance-food-animals.html>



Comida crua para animais tem bactérias acima dos níveis legais

O ato de oferecer dietas cruas aos animais de companhia tem vindo a tornar-se um hábito, até porque os tutores acreditam, frequentemente, que os seus animais beneficiam deste tipo de alimentação. Este hábito, contudo, pode ser perigoso... para ambos.

Um estudo realizado pelo Instituto de Segurança Alimentar da Universidade de Zurique, na Suíça, analisou 51 marcas de alimentos crus para animais de companhia e descobriu que cerca de 72,5 por cento possuem bactérias acima dos níveis legais permitidos na União Europeia e que 63 por cento possuem, inclusive, bactérias resistentes a antimicrobianos.

O estudo detetou ainda em alguns casos a presença de *Salmonella*, um patogénico altamente transmissível e uma das fontes mais comuns de intoxicação alimentar tanto em humanos como em animais de companhia.

Segundo Magdalena Nüesch-Inderbinen, microbióloga da Universidade de Zurique e uma das autoras do estudo, ficou provado que as dietas cruas apresentam muito mais riscos do que se pensava.

Por essa razão é importante que os donos de animais de companhia tenham cuidados especiais na manipulação deste tipo de alimentos, nomeadamente, que lavem bem as mãos depois de manipular o alimento ou a sua embalagem.

Recorde-se que um estudo publicado no passado mês de setembro, que havia sido conduzido pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Helsínquia, revelava que os donos de animais não consideram que a comida crua para os seus companheiros de quatro patas represente um risco acrescido de infeção nos seus lares.

O problema nem é novo, nos últimos anos têm



surgido vários alertas relacionados com a descoberta de bactérias em alimentação crua para animais, nomeadamente *Salmonella* e *E.coli*. E, no ano passado, o presidente da Veterinary Public Health Association (VPHA), do Reino Unido, Collin Willson, já havia chamado a atenção para o facto de a alimentação crua dos animais representar um risco para a saúde humana.

Saber Mais:

<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.191170>

<https://sol.sapo.pt/artigo/674412/refeicoes-a-base-de-carne-crua-para-caes-e-gatos-podem-conter-bacterias-resistentes-e-causar-infecoes-tambem-nos-humanos>

<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/alimentos-crus-para-caes-e-gatos-podem-conter-bacterias-resistentes-e-causar-infecoes-em-humanos-e-animais>

Ter um cão está associado a uma vida mais longa



Ter um cão pode estar associado a uma vida mais longa, especialmente se se estiver a recuperar de um ataque cardíaco ou de um AVC e se viver sozinho. A conclusão consta de um artigo publicado recentemente na revista da American Heart Association.

Um importante estudo sueco e uma meta-análise de estudos anteriores publicados ao longo de 70 anos, que envolveram mais de 4 milhões de pessoas em países como os Estados Unidos da América, Canadá, Nova Zelândia, Austrália e Reino Unido, sugerem que ter um cão diminui em 24 por cento o risco de morte prematura em geral – uma percentagem que sobe no caso de doentes cardiovasculares que morem sozinhos.

Os dados apurados permitiram concluir que ter um cão em casa está associado a uma redução de 24 por cento do risco da mortalidade em geral (ou seja, qualquer causa de morte) e a menos 31 por cento de hipóteses de a pessoa vir a morrer com um ataque cardíaco ou um AVC, comparando com quem não tem cão.

Quanto aos doentes cardiovasculares, o risco de morte diminui 33 por cento no caso de quem já sofreu um ataque cardíaco e 27 por cento para quem sobreviveu a um AVC – desde que more sozinho com o cão.

Convém referir que o benefício desce para 15 por cento e para 12 por cento se o doente dividir a casa com mais alguém, muito provavelmente porque o animal acaba por ser passeado por todos, diminuindo, assim, a atividade física.

Mas os benefícios não se ficam por aqui. Segundo a Dra Caroline Kramer, professora de medicina na Universidade de Toronto, ser dono de um cão está ainda associado a níveis de pressão arterial menores, um perfil lipídico melhor e menor reação ao stress.

Saber Mais:

<https://newsroom.heart.org/news/dog-ownership-associated-with-longer-life-especially-among-heart-attack-and-stroke-survivors?preview=0214>

<https://www.reuters.com/article/us-health-heart-dogs/dog-ownership-linked-with-longer-life-especially-for-heart-patients-idUSKB-N1WN25N>

<https://www.marketwatch.com/story/you-could-live-24-longer-thanks-to-your-dog-2019-10-08>

ÍNDICE®

www.indice.pt

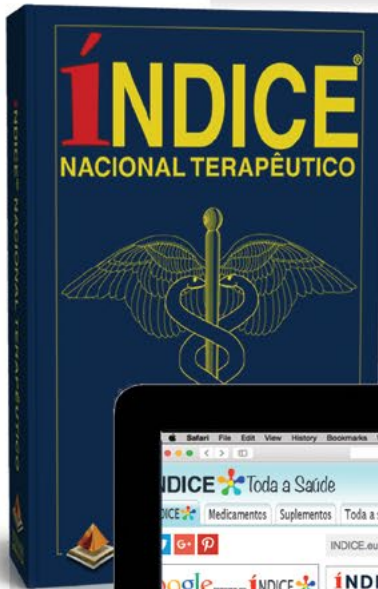
www.indice.pt



ÍNDICE®
PRO

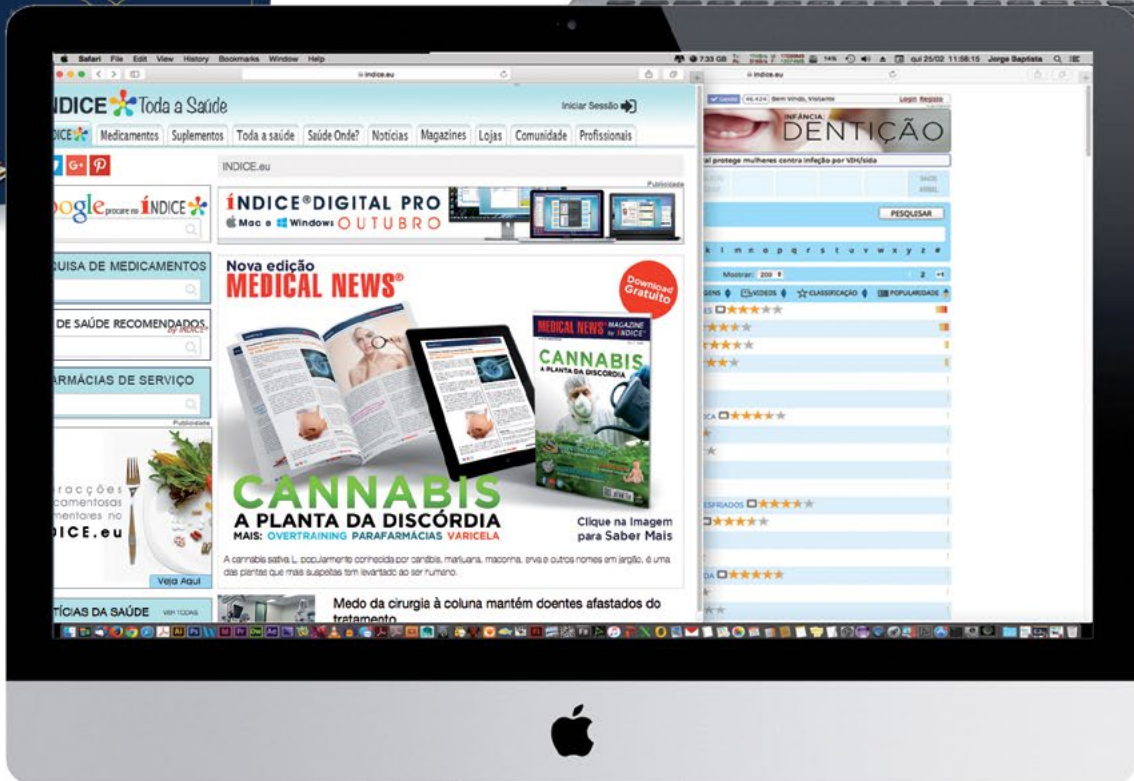


ÍNDICE®
PRO



ÍNDICE®
DIGITAL

ÍNDICE®
Compêndio



www.indice.pt

SIMILARES TERAPÊUTICOS?



ÍNDICE[®] PRO



Android e iOS

Compatível com as últimas versões

Faça Download Gratuito nas App Stores



Google play



Available on the
App Store